

Logística As empresas de transportes procuram novos rumos para a distribuição. A colaboração e a digitalização estão entre os grandes pilares do futuro

Transitários apontam para um novo contrato coletivo



A modernização e digitalização da frota logística de transportes foi um dos destaques do 17º Congresso da Apat FOTO FILIPE FARINHA/STILLS

Textos **TIAGO OLIVEIRA**

Os desafios decorrentes da digitalização e da necessidade de as empresas colaborarem são as novas pedras de toque dos transitários. E, para o conseguir, os responsáveis do sector esperam obter melhores condições profissionais e um novo enquadramento de trabalho, para que as empresas consigam responder às mudanças globais. Este foi o desejo expresso pelo presidente da direcção da Associação dos Transitários de Portugal (Apat), Paulo Paiva, quando revelou que a direcção está pronta para avançar com a negociação de um novo contrato coletivo. “Já há contactos com os sindicatos” com vista a avançar para um conjunto de medidas que tragam uma nova cara a “uma lei geral completamente desajustada”, garante o dirigente, sem querer avançar mais pormenores.

O universo da distribuição logística vive uma fase de mudança acelerada em que novos concorrentes e formas alternativas de transporte obrigam a outra abordagem do negócio por parte das empresas. E o novo paradigma foi vislumbrado nos dois dias do 17º Congresso da Apat, que contou com o apoio do Expresso. Para muitos dos profissionais que ao longo desses dois dias estiveram reunidos no auditório do Museu de Portimão talvez seja mesmo melhor começar pela palavra que oficialmente define a sua atividade. “Quando mudam o nome de transitário para operador de logística”, questionou o presidente da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes, João Carvalho. É apenas um dos aspectos da modernização do sector que esteve em cima da mesa.

MOMENTOS EXPRESSO Apat ASSOCIAÇÃO DOS TRANSITÁRIOS DE PORTUGAL

MOMENTOS EXPRESSO O 17º Congresso da Associação dos Transitários de Portugal (Apat) realizou-se nos dias 11 e 12 de outubro, em Portimão, e contou com o apoio do Expresso. Dois dias em que várias organizações e protagonistas debateram temas fulcrais, como o impacto da economia digital no sector da distribuição e transportes.

“O digital está a permitir uma nova economia”, garantiu Bruno Horta Soares, conselheiro executivo da International Data Corporation, com a ressalva de que a “estratégia tem de ser de longo prazo. Leva tempo”. Ou seja, é preciso perceber como “é que a tecnologia pode ajudar a transformar a liderança, como está a mudar o trabalho, a capturar novos talentos e a reestruturar competências”.

Co-fundador e COO da Mixmove, plataforma tecnológica baseada num algoritmo inteligente para gerir redes complexas, Artur Alves não tem dúvidas do papel que empresas como a sua têm ao “garantir que o transporte é feito da forma mais eficiente”, sobretudo quando se estima que a má organização na distribuição de bens custa €300 mil milhões todos os anos. E acrescenta que “todos estes desen-

voltamentos tecnológicos não foram feitos para fazer disrupção, mas sim para colaborar com os transitários”. Como lembra o diretor comercial da F. Rego, Luís Teixeira, “a recapacitação das pessoas é essencial para as manter motivadas”.

Trabalhar juntos

Para Moreira da Silva, é claro que “estamos numa encruzilhada, mais uma das várias que o século XXI nos tem trazido”. O sócio da SRS Advogados considera que é essencial colocar as fichas na “passagem do transporte unimodal para o multimodal”, o que implica maior organização e uma mudança estrutural dentro das empresas, porque “todos lidam diariamente com o caos e a quantidade de agentes envolvidos”. A resposta é a colaboração, e o congresso foi fértil em declarações de apoio à maior interligação entre os diferentes atores.

Neste campo entram também em ação as infraestruturas de expedição, que todos consideram essenciais para o crescimento da economia colaborativa e para a atração do investimento estrangeiro. Nuno David, diretor-geral da Yilport, é perentório ao defender que os transitários devem “trabalhar juntos para transportar da forma mais eficiente possível a carga” e “trocar informação de uma for-

ma automática proativa”, enquanto Duarte Rodrigues, administrador do Grupo Sousa Questão, acredita que “a rapidez de rotação entre transportes é fundamental”.

“Todas as empresas têm como objetivo destacarem-se, mas isso não significa que não tenham de colaborar ou que a competição desapareça”, atira o ex-ministro da Justiça e da Defesa, José Pedro Aguiar-Branco. O advogado acredita que “as empresas precisam de parcerias estratégicas que permitam um ganho de produtividade” para também fazer frente a outros desafios, como a pirataria ou os cibercrimes. Já Bruno Aires, *country manager* da TAP Cargo, é da opinião que o “passo seguinte para o crescimento implica perceber as oportunidades de mercado para crescer”, ao passo que o diretor de operações da Brasmor, Vítor Guimarães, recordou que “trabalhar com muita legislação” faz parte da atividade.

Ana Raposo, subdiretora geral da Área de Procedimentos Aduaneiros da Autoridade Tributária, lembra que “o quadro legislativo das alfândegas é comunitário” mas que tem havido uma “grande evolução” na ótica de tornar os procedimentos mais simples e menos burocráticos para que as empresas tenham a tarefa mais facilitada. Entre digitalização e colaboração, o professor da Nova School of Business and Economics, Nadim Habib, acrescenta que é preciso mudar mentalidades, porque se é um facto que “o português trabalha, mais ou menos, 400 horas a mais do que um alemão”, também é verdade que eles “são tão organizados que não conseguem trabalhar”. A única certeza é a que deixa Ana Raposo: “Se há um elo permanente na cadeia é o papel do transitário.”

toliveira@imprensa.pt

MELHORES FRASES

“O português trabalha 400 horas a mais do que um alemão (...). São tão organizados que não conseguem trabalhar”

Nadim Habib
Professor da Nova School of Business and Economics

“O esforço da digitalização é importante para o esforço de descarbonização. As alterações climáticas têm grandes efeitos económicos e cabe a todos contribuir”

João Carvalho
Presidente da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes

“É preciso construir um modelo novo de crescimento. Estamos numa fase de mudança. A dificuldade suplementar é perceber como vamos criar novos valores”

José Pedro Aguiar-Branco
Advogado

“Precisamos de um permanente desenvolvimento das infraestruturas para conferir ao nosso país a desejada atratividade. Só assim conseguimos crescer”

Paulo Paiva
Presidente da direcção da APAT

PRESENTE E FUTURO

■ As exportações representam 44% da economia nacional, e as 355 empresas transitárias com atividade no país são essenciais para levar os produtos e bens portugueses para o exterior

■ Mais de 52% das empresas foram fundadas após 1999, o que é demonstrativo de um sector em crescimento e a beneficiar de novas tecnologias e da modernização

■ O Norte e a Grande Lisboa concentram mais de 84% dos agentes transitários do país, o que é ilustrativo de algum desequilíbrio territorial mas também da importância destas regiões nas exportações

■ O volume de negócios do sector é de €2160 milhões, isto é, 1,1% do PIB

■ “As startups no sector representam 17% dos lucros globais mas 47% do ‘dinheiro digital’”, garante Bruno Horta Soares, da IDC. Em 2021, 50% do PIB mundial vai estar alavancado em tecnologias ligadas ao digital

■ “O futuro vai deixar de ser tanto no rodoviário, vai ter também transitários”, mais amigos do ambiente, avisa Ricardo Leonardo, consultor de gestão estratégica, e André Costa, diretor financeiro do ISCTE Junior Consulting

A MÁ ORGANIZAÇÃO NA DISTRIBUIÇÃO LOGÍSTICA CUSTA €300 MIL MILHÕES POR ANO